



## A Estética da Representação Fotográfica no Espetáculo: Máscara de Alan Moore e Mídia

Susana Branco de Araújo Santos<sup>1</sup>  
Sionelly Leite da Silva Lucena<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a representação estética da máscara a partir da fotografia, tendo como objeto de investigação o uso de tal “camuflagem”, tais como as utilizadas nos quadrinhos de Alan Moore e do desenhista David Lloyd, como suporte para obter e ampliar a visibilidade e favorecer a disseminação de posições ideológicas na mídia. São objetos desta análise fotografias de pessoas mascaradas em manifestações realizadas em três metrópoles - Nova York, nos Estados Unidos da América; Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil. Reunidas em pequenos grupos e, na maioria dos casos, sem identidade ou gênero definido, essas pessoas tendem a assumir a condição de protagonistas diante das lentes de câmeras de repórteres fotográficos. Este artigo oferece uma contribuição para os estudos da comunicação social, da imagem e da cultura, por meio da análise da narrativa das imagens em tais contextos.

**Palavras-chave:** Comunicação; Estética; Mídia; Fotografia; Cinema.

### 1. Introdução

Raiva, dor, prazer, alegria, dúvida, preocupação, excitação, nojo, surpresa: são mais de mil as expressões do rosto humano ao movimentar músculos em diferentes lugares e graus de intensidades. A face oferece um ponto observacional do

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Linguagens (UTP/PR), jornalista (Faculdade Cásper Líbero), professora colaboradora do IBPEX-Uninter/PR. Integra o Grupo de Pesquisa Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (INCOM). E-mail: [susana.branco@gmail.com](mailto:susana.branco@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Linguagens (UTP/PR), jornalista (UFAL), professora do Centro Universitário Uninter/PR. Integra o Grupo de Pesquisa Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (INCOM). E-mail: [sionelly@gmail.com](mailto:sionelly@gmail.com)

entendimento e conhecimento do outro. O rosto, portanto, nossa identidade, é porta de entrada para nossos segredos. A máscara, ao contrário, nos leva a uma única expressão, fixada com determinada razão e propósito, representando diversos significados em diversos contextos. No teatro japonês, em rituais africanos, nas religiões afro-brasileiras como umbanda e candomblé, a máscara contempla significados e representações identitárias.

Contudo, um ponto em comum da máscara com o rosto é que, mesmo com a cobertura, o rosto mascarado pode, também, revelar. Em rituais religiosos, pode simbolizar o respeito da tribo/grupo a uma figura já falecida, substituindo-a por uma imagem esculpida. Para alguns povos, máscaras eram artifícios utilizados em funerais, que contavam com atores mascarados com cópias do rosto do falecido, lembrando fases de sua vida. Nas festas carnavalescas, sugerem o anonimato, deixando o usuário livre para expressar suas ideias e vontades, inclusive sexuais.

A função da máscara, além de um objeto lúdico, é revelar traços culturais e históricos, sendo assim uma revelação do oculto. Entre a perda da identidade do indivíduo que se traveste e a permanência simbólica da imagem da máscara é preciso analisar, antropológicamente, o uso da máscara, e para isso são discutidas nesta pesquisa a função biológica do rosto e a função social da máscara; além da utilização deste elemento simbólico na composição fotográfica do fotojornalismo, em uma representação estética e política, recaindo para um estudo de caso: as manifestações políticas que envolveram o grupo hackativista *Anonymous*, com recorte espacial de Nova Iorque, São Paulo e Rio de Janeiro. Nesses lugares, diversos manifestantes surgiram mascarados, reforçando a coletividade e ideologia, além da preservação da própria identidade.

## **2. Objetivos, Hipótese e Metodologia**

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação estética da máscara, tal como a utilizada na *graphic novel* de Alan Moore e do desenhista David Lloyd, como suporte para obter e ampliar a visibilidade de um grupo, favorecendo a disseminação de posições ideológicas na mídia. São objetos desta análise manifestações realizadas em

três metrópoles: Nova Iorque, nos Estados Unidos; Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil. Em cada uma das situações, pessoas mascaradas assumiram a condição de protagonistas diante das lentes de repórteres fotográficos da grande imprensa. Ganhando destaque midiático, os mascarados passariam a representar um posicionamento ideológico, estampado no gesto performático, e assim sendo alvo de representações figurativas.

Ao elaborar uma reflexão a respeito do uso de máscaras em manifestações públicas, este artigo oferece uma contribuição para os estudos da comunicação social, da imagem e da cultura, por meio da análise da narrativa das imagens em tais contextos. Entre os objetivos específicos está a análise do uso da máscara a partir do viés histórico e antropológico; sua função mediadora entre sujeito e representação; além de uma análise em busca da possível identidade do coletivo.

Assim, este trabalho analisa a função social das máscaras em seu contexto político, com foco no grupo *Anonymous*. Para o estudo, recorre-se à pesquisa bibliográfica como aparato metodológico. Alguns autores que contribuíram: José Mattoso (1996) sobre um histórico e antropológico estudo da máscara e suas funções; a análise teórica da imagem com Martine Joly (2001); Henry Jenkins (2008) e o debate acerca da convergência técnica e cultural; Denise Azevedo Duarte Guimarães (2012), em análise sobre o personagem V do filme *V for Vendetta (EUA/Alemanha, 2006)*, contida em livro da autora a respeito de Histórias em Quadrinhos (HQs) e Cinema; e Muniz Sodré (2006) sobre as relações comunicacionais.

### **3. O rosto e as máscaras: entre a perda e a permanência**

A face humana é detentora de quarenta e quatro músculos, sendo vinte e dois de cada lado do rosto. Suas articulações são capazes de gerar em torno de mil expressões, como raiva, medo, dor, alegria, tristeza, prazer. As possibilidades de articulações tão singulares desses músculos estão na capacidade do ser humano que guarda uma herança biológica de detecção dessas expressões como forma de entender e comunicar. Reconhecem-se em um rosto, facilmente, sentimentos opostos, visíveis em nossas

expressões faciais através do olhar, arqueamento das sobrancelhas, caimento dos lábios ou na contração do músculo da testa, em relaxamento na alegria e “caindo” na tristeza.

Não à toa, nossa face estampa documentos de identidade em fotografias 3x4, ao nos conferir uma imagem decodificadora que atesta. Não na forma do “isto foi”<sup>3</sup>, de que fala Roland Barthes (2009), mas na leitura de percepção e identificação do rosto, se seguirmos a teoria de leitura de Martine Joly (2001). Aos videntes, enxergamos o rosto do outro e assim o identificamos. Aos não videntes ou portadores de visão baixa, o toque no rosto é uma forma de contato e leitura, assim, acesso ao outro.

Nosso rosto é nossa identidade e, assim, porta de entrada para nossos segredos. Quando temos algo a esconder, abaixamos o rosto, em sinal de vergonha, nos escondemos para não sermos vistos; ou põem-se óculos escuros para que os olhos não flertem outros olhares, se deparando com a possível incômoda observação alheia. Já quando estamos numa situação de perigo físico, logo levamos os braços à cabeça, ação do instinto em sinônimo de proteção. O rosto, sendo identidade, tem a cabeça/os olhos como sua principal porta de percepção. O sorriso, a exemplo, seria uma arma para apaziguar a relação com outros seres; por sua vez, o medo movimentava músculos entre os olhos e a boca, e injeta uma dose de adrenalina, o que mantém o corpo em alerta, assim ficamos prontos para a fuga.

Um sorriso enigmático é o da Desconhecida do Sena<sup>4</sup> (*L’Inconnue de la Seine*) (Figura 1). Conta-se que no final da década de 1880, em Paris, um corpo foi encontrado boiando no rio Sena e, segundo autópsia, seria uma menina por volta de 16 anos. Como não foram encontradas marcas em seu corpo, alegou-se que teria cometido o suicídio. O que chamou a atenção dos legistas era, além da pouca idade, a beleza dos traços finos no delicado rosto, e um sorriso enigmático, misturando um tanto de felicidade à morbidez.

Nesta altura era moda comprar, para ter em casa como enfeite, máscaras mortuárias de personalidades famosas. E assim ficou famosa também a denominada então, Desconhecida do Sena (*L’Inconnue de la Seine*). A força da sua enigmática expressão imortalizou-se, tornando-se objecto de culto

---

<sup>3</sup> Roland Barthes em *A Câmara Clara* (1980) afirma que a fotografia seria o atestado de que aquilo que se vê na imagem de fato aconteceu. A esse referente “real”, existente, ele chama de “isto foi”.

<sup>4</sup> O rosto da desconhecida de Sena serviu de molde para a boneca de borracha Resusci Anne, construída na França para que socorristas pudessem praticar técnicas de salvamento.

estético e mórbido num final de século, que fervilhava numa atmosfera de romantismo e sentimentos exacerbados. Vivia-se a Belle Époque, a era da beleza e da inovação na Europa. O rosto desta jovem tornou-se um ideal de beleza. (ZIGUE, 2013)

**Figura 1** – Moldura do rosto da Desconhecida do Sena (L’Inconnue de la Seine)



Fonte: lounge.obviousmag.org

A representação/reprodução do rosto da Desconhecida do Sena mostra as relações entre rosto, identidade e máscaras, estas tão difundidas em diferentes culturas. Embora cubra um rosto, mais que esconder, lhe confere um sentido novo, também uma identidade. O uso da máscara manteve a condição de suporte de comunicação e diálogo no decorrer da história, como extensão do rosto e da identidade. Utilizada em diversos tipos de rituais, danças, invocação de espíritos, representação de deuses, a máscara também ganhou os salões de baile em festas carnavalescas, por exemplo, para que todos pudessem se expressar livremente, protegidos por trás do ornamento.

E também o teatro, que possui duas expressões faciais de sentimentos como símbolo. Duas máscaras que, em oposto, designam comédia e drama, dois gestos desse palco que ensaia a vida. Na civilização grega, o teatro surge a partir das festas dionisíacas, em homenagem ao deus Dionísio, com a máscara utilizada de forma pioneira por Thespis (ou Téspis), primeiro ator da história ocidental, que criou o conceito de monólogo ao apresentar-se em Atenas, na Grécia Antiga, no século V a.C., trajando uma túnica e portando uma máscara, interpretando o deus Dionísio e destacando-se do coro, sobre sua carroça (o "carro de Téspis"). A máscara usada a partir desse período era maior do que a face do ator e apresentava traços expressivos, acentuando o caráter do personagem. Para melhor serem ouvidos pela plateia, atores recorriam a cones embutidos na máscara para amplificar a voz.

O lúdico seria um dos caracteres da máscara, mas também esconderijo do rosto, e assim da identidade – diferente dos rituais em que, mesmo possuindo a característica de preservar quem a usa, o faz em troca de assumir as características do outro, o que veste, que pode ser um animal, um deus ou outras centenas de ricas possibilidades culturais, já que a máscara assume diferentes significados em diversos povos e continentes afora.

(...) tem de se reconhecer, creio eu, que a máscara, longe de ocultar, revela; que ela retira a expressão pessoal do rosto, mas manifesta aquilo que na vida cotidiana não se pode ver; que ela serve, enfim, para descobrir um certo sentido do rosto que está além das aparências: aquele sentido que a face viva e individual faz esquecer e só aparece com a morte. (MATTOSO, 1996, p. 51).

São as máscaras que ornamentam, entretém, manifestam um simbólico das sociedades primitivas e atuais, não somente cobrindo o rosto, mas revelando o que a face, por trás, esconde. Em uma análise antropológica no artigo “As máscaras: o rosto da vida e da morte”, José Mattoso (1996) problematiza a função das máscaras, qualificando sua mediação entre o mundo dos vivos e dos mortos, a essência histórica e antropológica deste artefato. Seu uso inicial se dá, a exemplo, em eventos fúnebres, onde atores se vestiam com máscaras feitas a partir do molde do rosto do falecido (geralmente uma figura importante), e os atores representavam diferentes momentos de sua vida. “A máscara imóvel no rosto de quem fala, se move, gesticula ou dança é a representação do morto que continua a viver e que, por isso, perturba, ameaça, ensina ou protege os vivos. (...) A sociedade moderna esqueceu essa função da máscara” (MATTOSO, 1996, p. 51). Assim, à máscara é dada a função de esconder, mas também revelar, em sua apoteose, gerar sentido. Seja em performance teatral, religiosa, festiva, como também política, mais que um adorno, uma peça lúdica que enfeita ou entretém, a máscara está representada simbolicamente pela mediação entre um rosto, agora coberto, por uma identidade representativa.

#### **4. A máscara como símbolo no fotojornalismo**

De acordo com o pesquisador Gabriel Alvarez<sup>5</sup>, “muitas vezes, a imagem remete não ao objeto representado, mas ao resultado de um processo político mais amplo”. A afirmação de Alvarez (2013) vem a corroborar a afirmação do pesquisador Marcel Moss, de que “todo fenômeno estético é um fenômeno social”. A máscara, mais que um artefato estético, pois seu uso media funções e comunicações, possui, por fim, sua função simbólica, sendo a mediação entre o que aparece no novo rosto, entre o que se perde – o rosto – e o que permanece – a identidade.

O uso de máscaras em manifestações em protesto do grupo *Anonymous*<sup>6</sup>, caso de estudo desta pesquisa, teve diversas finalidades, como manter no anonimato os manifestantes, e assim evitar punições por possíveis atos criminosos praticados. Mas também a função de representar o si pelo coletivo, a união de um todo sendo representado por partes individuais, de mascarados aos que mostraram seu rosto. Para ser esse todo, grande parte dos manifestantes se vestiu de um rosto em comum, e escondeu sua própria identidade de alguma forma. Neste artigo, não discutimos sua função individual em determinado contexto – para isso seria necessário um estudo de campo, com entrevistas e coletas – mas seu vestir em apelo simbólico, dentro do que tange o recorte fotojornalístico, por ser uma habilidade que trabalha com elementos visuais simbólicos.

Uma linha do tempo publicada na edição 2635 da Revista Veja (2013) aponta o início de manifestações com pessoas mascaradas em 1987, na Alemanha, durante visita do então presidente norte-americano Ronald Reagan ao lado Ocidental de Berlim. Considerados os primeiros *black blocs*, os manifestantes “adotaram o uso de máscaras, roupas pretas e passaram a marchar em bloco, sempre na dianteira do confronto”, como forma de enfrentar a polícia. Naquela ocasião, o movimento antinuclear reuniu comunistas, anarquistas e punks em protestos de rua contra a guerra fria.

---

<sup>5</sup> O Prof. Dr. Gabriel Alvarez proferiu palestra em 15 de outubro de 2013, inserida na disciplina Tópicos Especiais em Assuntos Interdisciplinares: Antropologia Visual e Imagem, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

<sup>6</sup> O grupo Anonymous, como o próprio nome sugere, é um grupo de anônimos protegidos pela máscara, por isso não há identidades individuais reveladas, apenas a imagem do coletivo. O grupo é denominado hackativistas (ativistas da internet), no que promovem ações como a revelação de dezenas de IPs de pedófilos, acesso aos e-mails de presidentes como Barack Obama, e revelações de conteúdos sigilosos que circulam no meio virtual.

Análise da pesquisadora Mariana Santos, publicada na revista Caros Amigos (novembro, 2013), corrobora com as informações da Revista Veja (2013). Segundo Santos, “em 1980, a tática nomeada Black Bloc emerge como forma de proteção do movimento antinuclear na Alemanha, que era foco de grande repressão policial. Coletivos anarquistas e antifascistas, usando roupas pretas e máscaras, protegiam atos postando-se à frente, aos lados e nos perímetros mais sensíveis, impedindo a passagem de policiais que pretendiam dispersão. O Black Bloc se forma ali como um coletivo de direção direta, constituído por agrupamentos livremente organizados por grupos de afinidade e indivíduos independentes, que se dispersava ao fim das manifestações”.

Conforme a pesquisadora, “em 1991, os blocos foram organizados para os protestos nos Estados Unidos contra a Guerra do Golfo e durante as convenções dos partidos Republicano e Democrata, em 1996”. Em 1999 e em 2000, segundo a pesquisadora, a tática repetiu-se na Europa (Londres, Praga e Gênova) e nos Estados Unidos. Em 2011, a tática foi utilizada durante os movimentos *Occupy* que ocorreram em diversos países, inclusive do Oriente Médio.

As aparições de mascarados em manifestações públicas no Brasil ocorreram a partir de junho de 2013. Naquela ocasião, diversos recursos foram utilizados para encobrir os rostos, alguns deles improvisando com peças de roupas amarradas sobre a face, lenços ou retalhos de tecido. No entanto, outros se adiantaram à situação de protesto e recorreram ao uso de máscaras, tais como as utilizadas nos quadrinhos de Alan Moore e do desenhista David Lloyd, obtendo assim tratamento diferenciado na mídia, a exemplo dos manifestantes do movimento Occupy Wall Street (Figura 2), realizado no distrito financeiro de Manhattan, cidade de Nova Iorque, EUA.

**Figura 2** - Apoiadores do movimento Anonymous na Times Square Nova Iorque, EUA



Fonte: [ibtimes.co.uk](http://ibtimes.co.uk)

**Figura 3** – Manifestante em frente à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro



Fonte: virgula.uol.com.br

**Figura 4** – O "Batman" dentre os manifestantes



Fonte: memoria.ebc.com.br

**Figura 5**– Mascarados com balaclava destroem vitrine de loja de veículos em São Paulo



Fonte: Reprodução/ Fábio Braga / Folha Press – Revista Veja – 21/08/2013

**Figura 6** – Manifestantes com camisetas e máscaras de gás no Rio de Janeiro



Fonte: g1.globo.com

Nas imagens registradas em São Paulo, Rio de Janeiro e Nova Iorque, os manifestantes (Figuras 2, 3, 4, 5, 6) não adornam simplesmente, mas estabelecem, no coletivo, a identidade do todo, que é o povo militante. As máscaras assumem o papel de identidade, não a individual, mas de grupos. Exceto em casos como o “Batman” (Figura 4), ou o “Coringa” e demais personagens de histórias em quadrinhos que apareciam nas manifestações. Como o V, personagem do filme V de Vingança (*V for Vendetta*), inspirado em Guy Fawkes, um soldado especialista em explosivos que tentou um ataque ao congresso inglês por volta de 1600, com a como finalidade assassinar o rei Jaime I de Inglaterra. (GUIMARÃES, 2011, p.196). Inspirada no anarquismo, a máscara representa, também, o grupo *Anonymous*, movimento que possui semelhante ideologia. Ao se “camuflar” com a máscara de Alan Moore e David Lloyd, portanto, o indivíduo não apenas protege sua identidade, mas também confere o sentido de ideal, vindo do sorriso carismático de Guy Fawkes, valores estes que encaixam perfeitamente com o modo de ação do *Anonymous*.

De modo diverso ao final da narrativa gráfica, o filme termina com as pessoas usando máscaras iguais à de V e servindo de plateia para a última ação do vingador. Esta imagem reforça o conceito clássico do *theatrum mundi*, que equacionou a sociedade com o teatro e a ação cotidiana com a atuação, ideia que é reiterada nas falas do protagonista da narrativa de Moore; o conceito remete a outras possibilidades interpretativas da obra e aponta para a continuidade deste estudo, à luz de categorias e molduras teóricas adequadas. (GUIMARÃES, 2011, p. 210)

A balaclava, como é denominada a máscara em forma de elmo, em geral confeccionada em tecido de malha preta e que cobre a cabeça, o pescoço e os ombros, deixando apenas os olhos visíveis, usada por alpinistas, esquiadores, motociclistas ou, oficialmente, em operações policiais que necessitem de sigilo de identidade, realocando para as manifestações, conferiu anonimato aos manifestantes (Figura 5). Estes puderam invadir agências bancárias, depredar o patrimônio público, fazer motins e piquetes sem serem identificados. Não que todos os que usavam balaclava tenham escolhido a atitude criminosa, mas, segundo comprovam reportagens divulgadas pela mídia tradicional – especialmente pela televisão - e novas mídias, houve infiltrados que se utilizaram da

possibilidade de resguardar o rosto e cometeram crimes em meio ao protesto, que seguia pacífico.

Houve também o improviso de máscaras feitas com roupas, capacetes de motocicletas, máscaras de gás, cirúrgicas, entre outros artefatos, em que os manifestantes (Figura 10) apropriaram-se de máscaras como meios de expressão e, conforme análise, assumindo “o comando discursivo, para anunciar, de uma perspectiva fortemente passionalizada” (CAETANO, 2004, p.50-51) o seu discurso. Contida no apelo visual, o uso da máscara causa impacto sobre o observador e, adicionada ao discurso performativo, institui “a comunicação em ato, verbalmente e visualmente, denotando em seus corpos e na sua fala aspectos da violência na contemporaneidade”. (CAETANO, 2004, p.51).

## **5. A máscara: representação estética e política no fotojornalismo**

A possibilidade de manifestar publicamente uma posição política e/ou ideológica, estando com o rosto oculto por uma máscara reproduzida a partir da *graphic novel* de Alan Moore e David Lloyd e a chance de ver fotografias de tais cenas exibidas exaustivamente nas mídias impressa e eletrônica, contribuem para a disseminação ideológica do grupo *Anonymous*. Essa exibição de um indivíduo mascarado em nome de um coletivo, assim com o rosto oculto, sexo e gênero desconhecidos, provoca um olhar diferente, tanto para a pessoa que exhibe a imagem como para aquilo que a imagem representa e, não raras vezes, a emoção provocada leva à comoção pública. O pesquisador Muniz Sodré (2006, p. 111) considera que “olhar implica constituir modelos produtores de imagens, que são as formas primais da mediação entre o humano e o mundo”. Para o autor, inicialmente “vem o modelo e, depois, a sua atualização numa imagem”.

A fotografia, sendo legitimadora desse discurso, valoriza este símbolo, garantindo a sua autenticidade como reprodutora do elemento máscara em tal contexto. A fotografia, meio informacional enquanto no contexto jornalístico, assume a função de valorizar o objeto fotografado, ou seja, faz com que a máscara passe a representar uma posição do indivíduo e de um grupo de pessoas que a utilizam, mesmo estando ocultos

por ela. James Jasper (1998) entende que ações incomuns podem envolver complexos sentimentos. Assim, ao cobrir o rosto com uma máscara – ou, ainda melhor, ao “vestir” a máscara -, o manifestante expõe sentimentos de revolta, indignação; expõe o clamor por justiça.

Emotions pervade all social life, social movements included. The most prosaic daily routines, seemingly neutral, can provoke violent emotional responses when interrupted. Unusual actions probably involve even more, and more complex, feelings. Not only emotions part of our responses to events, but they also – in the form of deep affective attachments – shape the goals of our actions<sup>7</sup> (JASPER, 1998, p. 398).

A orientação do olhar (do fotógrafo) não designa somente o objeto fotografado – a máscara –, mas revela simultaneamente o lugar onde o ato acontece e a intenção de cada um dos parceiros envolvidos, conforme afirma o pesquisador Marc-Henri Piault<sup>8</sup>, para o qual “a cada olhar se constrói uma passagem, uma direção, uma materialização completa, uma troca intencional. Cada um dos parceiros envolvidos tem uma intenção diferente. O produto do trabalho é também um objeto”. De acordo com Piault (2013), há um terceiro olhar, o do espectador, do leitor da imagem. É o último elemento de uma triangulação necessária para uma compreensão multidimensional indispensável para aceitar as identidades próximas ou visíveis.

Com o auxílio da tecnologia, conforme Sodré (2006, p. 160), “tudo pode ser espetacularmente transformado em imagem”. E essa exibição de imagem à exaustão tem sido possível graças à mudança de paradigma por que passam os meios de comunicação. Henry Jenkins (2008) denomina de “cultura da convergência midiática” esse momento em que todas as mídias se dirigem para um único equipamento e permitem não apenas obter a informação em questão de segundos, mas também interagir. Essa nova cultura lança desafios para a humanidade, especialmente com relação à dificuldade de controle de acesso ou participação e, de acordo com Jenkins (2008), “temos de encontrar formas

---

<sup>7</sup> Emoções permeiam toda a vida social, inclusive movimentos sociais. As mais prosaicas rotinas diárias, aparentemente neutras, podem provocar violentas reações emocionais quando interrompidas. Ações incomuns, provavelmente, envolverão ainda mais e mais complexos sentimentos. As emoções não são apenas parte de nossas reações aos acontecimentos, mas também – como profundos vínculos afetivos – formam os objetivos de nossas ações (JASPER, 1998, P. 398). Tradução livre.

<sup>8</sup> Trecho de palestra de encerramento da disciplina Tópicos Especiais em Assuntos Interdisciplinares: Antropologia Visual e Imagem, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, proferida pelo Prof. Dr. Marc-Henri Piault, em 17 de outubro de 2013.

de transpor as mudanças que estão ocorrendo. Nenhum grupo consegue ditar as regras. Nenhum grupo consegue controlar o acesso e a participação”.

Conhecer uma coisa é deslocá-la de sua realidade imediata, “natural”, para outra, um modelo que dá partida à ordem do espelhamento, do reflexo, ou ainda da imagem – ou seja, um jogo de aparências, uma “ilusão” que mimetiza de algum modo a coisa primeira. (SODRÉ, 2006, p. 111). Na condição de permitir o anonimato das pessoas, fazendo com que elas passem a agir não mais individualmente, mas como um grupo de poder e força física, o uso da máscara pelo grupo *Anonymous*, assim como os manifestantes que improvisaram com camisetas, ou vestiram personagens de histórias em quadrinhos, fizeram com que a máscara se transformasse num símbolo de resistência e, ao mesmo tempo, passasse a adquirir tal representatividade que resulte na mudança de uma legislação de forma a impedir o seu uso em manifestações públicas. Aproveitando esse meio de disseminação, a provocação política do grupo *Anonymous* através da máscara enaltece seu posicionamento político, o anarquismo, e, assim, a sua identidade.

## **6. Ordem desmascarada**

A onda de protestos iniciada no país em junho de 2013 resultou em uma série de projetos de leis, editados pelos três níveis do Legislativo - federal, estadual e municipal, com o objetivo de restringir o uso de máscaras, limitar o direito de protesto, criminalizar e punir manifestantes.

Poucos meses após a primeira manifestação pública que contou com a participação de manifestantes mascarados no Rio, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro aprovou, em 10 de setembro de 2013, projeto de lei que proibiu o uso de máscaras em manifestações. O projeto estabelece, em seu Artigo 2º, que “é especialmente proibido o uso de máscaras ou qualquer outra forma de ocultar o rosto do cidadão com o propósito de impedir-lhe a identificação”. A vedação ao uso de máscaras, de acordo com o projeto, não se aplica às manifestações culturais estabelecidas no calendário oficial do Estado, o que inclui, por exemplo, a festa mais popular brasileira, o carnaval.

Antes mesmo do projeto de lei que proíbe mascarados nas manifestações ser levado à sanção do então governador Sérgio Cabral, a Ordem dos Advogados do Brasil/seccional do Rio de Janeiro – OAB/RJ se manifestou contra a iniciativa. Uma representação por inconstitucionalidade foi articulada no Órgão Especial do Tribunal de Justiça com os argumentos de que a lei impede o direito do cidadão à livre manifestação e que a OAB defende a prisão de quem for pego em flagrante cometendo delitos. No entanto, a lei foi sancionada pelo governador do Rio no dia 11 de setembro de 2013 e entrou em vigor no dia seguinte.

Quase um ano depois, em 29 de agosto de 2014, o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, sancionou lei proibindo o uso de máscaras em manifestações de protesto. O texto ratifica a Constituição Federal, garantindo a livre manifestação de pensamento, mas impede o anonimato ao determinar que “fica proibido o uso de máscara ou qualquer outro paramento que possa ocultar o rosto da pessoa, ou que dificulte ou impeça a sua identificação”. A lei ainda prevê a proibição ao porte de armas em manifestações e reuniões públicas, como as de fogo, as armas brancas, objetos pontiagudos, tacos, bastões, pedras, armamentos que contenham artefatos explosivos e outros que possam lesionar pessoas e danificar patrimônio público ou particular.

No âmbito federal, parece não ter avançado a discussão realizada no primeiro semestre de 2014, no Senado Federal, especialmente no que diz respeito ao aumento de penas para crimes cometidos durante manifestações públicas e concentrações populares, tais como os de lesão corporal, homicídio e dano ao patrimônio público, ou à proibição para o uso de máscaras ou outro acessório que dificulte a identificação do manifestante. O governo federal decidiu não apoiar nenhum dos projetos em tramitação no Congresso Nacional que aumentem as penas para crimes cometidos durante manifestações por considerar que o Brasil possui legislação para punir quem comete crimes em atos públicos.

A pesquisadora Irene Patrícia Nohara, no Jornal Carta Forense, assume posição contrária à proibição ao uso de máscaras em manifestações públicas por considerá-la inconstitucional. A doutora em Direito do Estado afirma que “a reunião é considerada uma liberdade pública fundamental com previsão constitucional expressa no Brasil desde 1891”. De acordo com o art. 5º, XVI, da Constituição Federal de 1988, “todos

podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente”.

Ainda segundo Nohara, a Constituição brasileira trata da liberdade de reunião como regra, sendo sua restrição medida excepcional. De acordo com a pesquisadora, se a máscara dificulta a identificação, essa ausência deve ser suprida pela identificação civil do manifestante e considera que usar o adereço não impede que a autoridade policial faça a identificação do manifestante, que pode apresentar seu documento de identidade civil e prosseguir no ato público.

Em 10 de novembro de 2014, o Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro decidiu que a lei que proíbe máscaras em manifestações é constitucional. Os desembargadores julgaram duas ações impetradas pela OAB-RJ e pelo Partido da República (PR), que questionavam a lei aprovada pelo Legislativo e que passou a vigorar em setembro de 2013.

## **7. Considerações finais**

O rosto humano trabalha expressões que transmitem significados. Dor, alegria, revolta, prazer são alguns desses gestos que, alinhados a movimentos musculares, trazem aspectos de decodificação do rosto para a comunicação/conhecimento. As máscaras, ao transmutar o sentido do rosto, oferecendo a este uma nova identidade, utilizam-se da neutralidade e frieza que possuem, assim como da detecção do movimento e alinhamento dos músculos faciais, para sua reprodução, e assim sua prática simbólica.

Além de possuir, antropologicamente falando, poderes de conexão entre os vivos e os mortos, como o fazem em centenas de culturas, como a africana, indiana, inca e religiões afro-brasileiras, a máscara também traz a oposição entre ocultar e revelar, ao oferecer anonimato ao indivíduo que a traje mais a identidade de quem o veste. Assim, aparelhado com a máscara, o indivíduo assume poderes e peculiaridades simbolizados, sendo uma transmutação de identidade mediada pelo rosto.

A representação anarquista de V, além de ser ponto de encontro com a ideologia do grupo *Anonymous*, é o simbolismo em destaque na escolha fotojornalística, deslocado das Histórias em Quadrinhos (HQs) para as páginas dos jornais, em forma de identidade de um grupo – revolucionário, anárquico e hackativista. Um movimento com pessoas mascaradas, sem identidade, sexo ou gênero definidos, tende a assumir a condição de protagonista diante das lentes de câmeras de repórteres fotográficos da grande imprensa, assim como o foram as manifestações públicas que contaram com milhares de participantes.

Tal condição de protagonismo pode favorecer o grupo a disseminar posições ideológicas na mídia, no caso do *Anonymous* representado pela máscara de V, personagem em análise deste trabalho. Ao travestir-se desse personagem, V, das HQs de Alan Moore e David Lloyd, em uma manifestação pública, todos se sentem anônimos, militantes, parte de um coletivo, de uma luta que, do individual, agrega força ao coletivo. Para isso, escolhe-se a imagem que represente e ateste a sua ideologia, uma convicção, uma ideia que lhe traga o sentimento de pertença, e uma nova identidade.

## 8. Bibliografia

*Alerj aprova lei que impede uso de máscara em manifestações no Rio*. Revista Isto É Online. Recuperado no dia 06 de maio de 2015. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/323677\\_ALERJ+APROVA+LEI+QUE+IMPEDE+USO+DE+MASCARA+EM+MANIFESTACOES+NO+RIO?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/reportagens/323677_ALERJ+APROVA+LEI+QUE+IMPEDE+USO+DE+MASCARA+EM+MANIFESTACOES+NO+RIO?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage)

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BORNHEIM, Gerd Albert. **O sentido e a máscara**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAETANO, Kati E.; Cañizal, Eduardo Peñuela (orgs.). **Vozes da periferia na mídia impressa**. O olhar à deriva: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004.

**Começa a valer proibição do uso de máscaras em manifestações no Rio**. Revista Veja. Recuperado no dia 05 de abril de 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/comeca-a-valer-a-proibicao-do-uso-de-mascaras-em-manifestacoes-no-rio/>

GUIMARÃES, Denise A. D. **Histórias em Quadrinhos & Cinema**: adaptações de Alan Moore e Frank Miller. Curitiba: UTP, 2012.

GUIMARÃES, Ruth. **Grandes enigmas da história**. São Paulo: Cultrix, 1975.

JASPER, James M. **The emotions of protest**: affective and reactive emotions in and around social movements. *Sociological Forum*, Vol. 13. No. 3. Sep., 1998, pp. 397-424.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2001.

**Lei que proíbe uso de máscaras em manifestações em AL é sancionada**. Globo.com. G1. Recuperado no dia 02 de maio de 2015 Disponível em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2015/04/lei-que-proibe-uso-de-mascaras-em-manifestacoes-em-al-e-sancionada.html>

LIMA, George M. **Direitos Fundamentais**. Recuperado no dia 05 de maio de 2015 de <http://direitosfundamentais.net/2014/04/17/desafivelando-a-mascara-o-uso-de-mascaras-nas-manifestacoes/>

MATTOSO, José; Almeida. *Carlos Alberto Ferreira de: in memoriam. As máscaras: o rosto da vida e da morte*. vol. II, pag. 51-62. Lisboa: 1996. Recuperado no dia 02 de junho de 2015. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3199.pdf>

NASCIMENTO, Luciano; Chagas, Paulo V. **Governo não apoiará projeto que aumenta pena para crimes cometidos em manifestações**. Sul21. Recuperado no dia 02 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/governo-nao-apoiara-projeto-que-aumenta-pena-para-crimes-cometidos-em-protestos/>

NOHARA, Irene P. **Proibição do uso de máscaras em manifestação**: posição contrária. *Jornal Carta Forense*. São Paulo: 2013. Recuperado no dia 10 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/artigos/proibicao-do-uso-de-mascaras-em-manifestacao-posicao-contraria/12367>

OLIVEIRA, Roberto C. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. Brasília: UNESP, Paralelo 15, 1998.

Revista Veja. Edição 2635. Capa e pags. 72-79. Editora Abril: São Paulo, 21 de agosto de 2013.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ. Vozes, 2006.

ZIGUE, Lisa. **A beleza na face da morte – L'INCONNUE DE LA SEINE**. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/serendipidade/2013/02/a-beleza-na-face-da-morte-linconnue-de-la-seine.html>